II SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA UNIFESSPA
A Pesquisa Científica e as Interações com a Realidade Amazônica
1 E 2 DE FEVEREIRO DE 2018

Cognitivo Sequestrado - Uma abordagem sobre bloqueios na aprendizagem escolar de adolescentes

Ivonilce Brelaz da SILVA[1] Lídia Brelaz da SILVA[2]
[1]*Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis/PROEX, UNIFESSPA, CEP 68507-590, Marabá-Pará, Brasil*
[2]*Falculdade de Psicologia/Campus Catalão, UFG, CEP 75701-110, Catalão-GO, Brasil*

PALAVRAS-CHAVE: Bloqueio, aprendizagem escolar, adolescência.

1. INTRODUÇÃO

Com o título O Cognitivo Sequestrado: Uma abordagem sobre bloqueios na aprendizagem escolar de adolescentes, proponho fazer uma reflexão sobre o que são os bloqueios, como eles se manifestam e alguns dos fatores que favorecem a manifestação dos bloqueios. Para alcançar esse intento utilizo, como sustentação e construção desta pesquisa bibliográfica qualitativa Pain (1990), Weiss (2001), Fernandez (1990), Clapared (1973), Zaguri (1991), dentre outros.

Assim, pretendo que esta pesquisa traga como resultado oportunidade de conscientização para pais e educadores e que sirva de estímulo para rever práticas pedagógicas e desejar conhecer melhor os alunos em buscar alternativas que contribuam para que adolescentes tenham um caminhar seguro e sem riscos de sequestro no caminho rumo ao conhecimento.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Pesquisa Bibliográfica qualitativa baseada em arcabouço teórico reconhecido na área do ensino- aprendizagem e da psicologia educacional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um passeio com olhar atento pelo aporte teórico utilizada como método de pesquisa bibliográfica qualitativa para a reflexão a que esta pesquisa se propõe, é possível observar que os bloqueios na aprendizagem escolar ocorrem, em grande monta, na fase da adolescência. Termo originário do latim *adolescere*, a adolescência indica um período de transformações rumo à maturidade e se constitui numa etapa da vida extremamente importante e com características muito marcantes, e as mudanças são, no geral, as mesmas em qualquer adolescente.

De todas as características comuns ao período queremos destacar duas, dada suas relevâncias para o tema. Segundo Zagury (1991), uma delas é a área afetiva que vive em turbulência, e alterna períodos de estabilidade e de insegurança.

> A insegurança que o adolescente sente é, ora sob forma de uma aparente superioridade com relação aos adultos, ora por uma total dependência. Essa ebulição interna pode manifestar-se de várias maneiras. (...) Por isso alternam período em que quanto mais amigos a sua volta melhor, com outros em que se enfurnam no quarto[1].

Zagury (1991) observa que na adolescência ocorrem também importantes mudanças na área intelectual.

> O desenvolvimento intelectual é notável, como o surgimento do raciocínio hipotético-dedutivo, permitindo abstrações mais rápidas, bem como compreensão de conceitos abstratos (...). Essa nova habilidade leva os jovens a uma abordagem mais filosófica e independente sobre quaisquer conceitos apresentados[2].

Por isso, muito do que pais e professores lhes diziam antes e que era aceito como a mais pura verdade, agora passa a ser visto com questionamento e desconfiança, algo que na explicação de Zagury (1991) "é o aparecimento de uma nova identidade, oposta à infantil, para a qual muitos pais não se encontram preparados[3]".

Conhecendo os bloqueios na aprendizagem escolar.

Os bloqueios costumam ocorrer, principalmente, na segunda parte do ensino fundamental. Fase em que o aluno/adolescente começa a trabalhar as disciplinas fragmentadas. Ele se manifesta em uma área definida do conhecimento causando *déficit.* Ou seja, o adolescente apresenta uma parada brusca em sua capacidade de aprender em área específica, mas continua desenvolvendo normalmente em outras como se nada houvesse acontecido.

Segundo Fernandez (1990) para que ocorra a uma efetiva apreensão do conhecimento, isto é, para haver aprendizagem, temos de desmontar as aprendizagens já concebidas e misturá-las para dar sentido à nova aprendizagem, assim como o tipógrafo mistura as letras para dar sentido a um novo texto[4].

` É nesse contexto da aprendizagem que surge o bloqueio que para Pain (1990) é visto como um sintoma, pois o fato de não aprender, não significa um quadro permanente, mas faz parte de um grupo peculiar de comportamentos que culminam em descompensação. Ainda na afirmação de Pain (1990) "nenhum fator é determinante de seu surgimento e que ele surge da fratura contemporânea de uma série de concomitantes"[5].

Os bloqueios não surgem simplesmente do nada. Eles se sobrepõem a um problema já existente, eles se alojam no aspecto que está deixando o indivíduo fragilizado.

Fernandez (1990), também fala sobre a ausência do acaso nas manifestações de bloqueios, dizendo que:

> O código que escolhe o sintoma para falar nunca é escolhido ao acaso. Se o sintoma consiste em não aprender, se o lugar escolhido é a aprendizagem e atrapa a inteligência está ligando algo relativo ao saber ou ocultar, ao conhecer, ao mostrar não mostrar, ao apropriar-se. Diz-se que o sintoma é como um disfarce. (...) No sintoma de aprendizagem a mensagem está encapsulada e a inteligência atrapada; os recursos da elaboração cognitiva acham-se indisponíveis. A criança ou **adolescente** (GRIFO NOSSO) renuncia ao aprender, ou aprende perturbadamente[7].

Fernandez (1990) compara o aluno bloqueado com o que sofre de anorexia mostrando que "no anoréxico poderíamos dizer que houve um *atrape* do comer, por desejo de ordem inconsciente, pelo que apesar de ter comida, não come (...) As possibilidades de comer existem (...) mas se perdeu o desejo de comer"[8].

Segundo Novaes (1992), em pesquisa sobre bloqueios de aprendizagem mostra que:

> As respostas dentre as quais as mais apontadas pelos alunos registram-se: falta de interesse e desmotivação para estudar por conta das dificuldades em compreender o conhecimento transmitido; despreparo do professor, metodologias inadequadas, clima da instituição desmotivado e de descrédito condicionados pelos precários recursos materiais, financeiros e humanos[9].

Podemos comparar o bloqueio de aprendizagem com um sequestro real. Há todo um clima favorável para que ele ocorra. E ele chega de forma oportunista privando o sujeito do direito de aprender, confinando-o por um determinado tempo a um mundo de fracasso, de medos, onde ele sofre tortura física e psicológica.

Alguns fatores que favorecem a manifestação dos bloqueios na aprendizagem escolar.

No mundo globalizado a competitividade ganhou força para além das fronteiras do mundo dos negócios onde só sobrevivem os mais fortes. Essa postura social tem lotado a agenda de psicólogos e psicopedagogos de crianças e adolescentes com problemas na aprendizagem.

Para Fernandez (1990): "geralmente, as dificuldades que a criança encontra no processo educacional não são entendidas como tal, mas como uma falta de interesse, desmotivação para estudar, preguiça e distração"[10]. Porém são fruto de pressões familiares pelas melhores colocações no ENEM para conquistar os cursos mais *top*; pressões emocionais em organismo imaturos e contínuo estado de perturbação emocional que interrompem a comunicação entre ensino e aprendizagem; pressões pedagógicas as vezes ocorrem verdadeiros massacres em nome do ensino. C Weiss (2001) chama atenção para o fato de que não existe ato praticado na escola que seja inócuo e que cada um desses atos, de alguma maneira, afeta a sala de aula, atinge o aluno (...) que nossa atuação na sala de aula pode levar a uma desastrosa desorganização mental e emocional do aluno.

Nessa linha de raciocínio acerca do fracasso no saber-fazer pedagógico como um dos fatores que podem contribuir para gerar bloqueios na aprendizagem escolar podemos deparar com caso de professores que são verdadeiras sumidades em sua área de atuação, que dominam vasta área de conhecimento, mas seus alunos se deparam com o fracasso, rastejam, tendo que se contentar com a nota mínima para passar de ano. Isso, segundo Weiss (2001) acaba acontecendo com frequência porque, muitas vezes, a linguagem e modo de explicar são incompatíveis com a maneira de ensinar. Por outro lado, há professores que deliberadamente assumem o posto de algozes intelectuais.

Como ressalta Bordignon (1995):

> Há "professores" (jamais educadores) que poderiam ser comparados a "caçadores" que se orgulham da inteligência de suas armadilhas ou "pistoleiros" sempre com o dedo no gatilho para abater seus alunos diante do menor cochilo. São aqueles que se orgulham de serem os "bons" porque com eles metade da turma está precisamente condenada ao fracasso. (...) O insucesso deve ser encarado como acidente de percurso da atividade humana, jamais como objetivo[11].

As escolas também não têm compreendido as diferenças individuais. Não conseguem administrar o fato que cada um de nós tem uma maneira própria de aproximar-se e de apropriar-se do conhecimento.

Em se tratando das diferenças individuais Gardner *apud* Gama (2004) levanta dois pontos relevantes de reflexão:

> Se os indivíduos têm perfis cognitivos tão diferentes uns dos outros, as escolas deveriam, ao invés de oferecer uma educação padronizada, tentar garantir que cada um recebesse a educação que favorecesse o seu potencial individual. (...) Assim, se há necessidade de se limitar a ênfase e a variedade de conteúdos, que essa limitação seja da escolha de cada um, favorecendo o perfil intelectual individual[12].

O cenário descrito por Clapared (1973) também ajuda a entender esse dilema:

> Na corrida de obstáculo que constitui um ano escolar, empurrados, atropelados, fartos, nossos filhos, por uma espécie de apreensão bem natural, dirigem todas as suas preocupações, senão as suas energias, aos ramos de estudos para os quais não sentem disposição particular. Gastam-se no trabalho ingrato de cultivar o solo estéril e de deixar inculto aquele que prometia uma bela colheita[13].

4. CONCLUSÃO

A pesquisa constata que os bloqueios não são permanentes e começam, geralmente, como uma dificuldade na aprendizagem e podem ser provocados por pressões familiares, emocionais, pedagógico, institucionais.

Embora a escola queira o sucesso do aluno, mas desrespeita suas diferenças individuais. Ignorar as diferenças individuais é ir contra a natureza. Pois, além trazer pouco rendimento na vida daquele que empreende o esforço, esse rendimento não corresponde ao esforço desprendido, gerando frustração. Além do mais, a insistência num esforço infrutífero acaba gerando repugnância trazendo sérias consequências.

É necessário uma profunda reflexão e disposição de mudança de paradigmas, busca de melhor formação de profissionais de educação e orientação aos pais.

REFERÊNCIAS

BORDIGNON, Genuíno. **Avaliação na Gestão de Organizações Internacionais. Ensaio: Avaliação das Políticas Educacionais.** Vol. 3. Rio de Janeiro: Fundação CESGRANRIO, 1995.

FERNANDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada — abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

GAMA, Maria Clara S. Salgado. **A Teoria das Inteligências Múltiplas e suas Implicações para a Educação**. São Paulo: Editora Moraes, 1993.

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia da Educação e Prática Profissional**. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

SCOZ, Beatriz Judith Lima *et al*. **Psicopedagogia – o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ZAGURI, Tânia. **O Adolescente por Ele Mesmo**. Rio de Janeiro: Record, 1991.